

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

“SUICÍDIO POR POLICIAIS MILITARES”

Jaime Tadeu dos Santos

Orientador: Marise Marcolan

Sorocaba/SP

2023

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

“SUICÍDIO POR POLICIAIS MILITARES”

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para
a conclusão do Curso de Formação em Psicanálise
sob a orientação do(a) Marise Marcolan

Sorocaba/SP

2023

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Autor: Jaime Tadeu dos Santos

“SUICÍDIO POR POLICIAIS MILITARES”

Avaliado em ____ / ____ / ____

Nota Final: () _____

Orientador: (Professor que deu o módulo)

Professor (a) Examinador(a)

Sorocaba/SP

2023

“Na neurose, temos fantasia de completude. O neurótico quer resgatar a completude perdida pelo viés do amor”. Marco Coutinho – revista Filosofia nº 42, pág 48”

RESUMO

O presente trabalho faz tratar do assunto que abrange uma questão que acomete policiais militares, quando em serviço ou fora dele, qual seja, o SUICÍDIO. A questão em pauta versa sobre policiais lotados em um Batalhão de Polícia Militar do Interior do Estado de São, no momento com 600 homens, prestando serviço em 5 Companhias. O OBJETIVO Geral do presente trabalho, está na questão levantada após ser observado o cometimento de suicídio por policiais militares Paulistas, quando do término de relacionamento conjugal. A metodologia utilizada está na entrevista de familiares do policial, a exemplo da esposa, assim como para o texto a respeito da MELANCOLIA e OBJETO PERDIDO, na escrita de Freud, (1917) – vol. XII, Cia das Letras. Após concluída a pesquisa, tem-se como resultado obtido, o processo de rejeição, agressividade, neurose de abandono, e fácil acesso ao objeto executor. Dessa forma, como tratamento aconselha-se o MANEJO, para a elaboração e ressignificação, como contribuição prática na questão pesquisada.

Palavras-chave: suicídio por Policiais.

Abstract

The presente work delas with the subject that covers na issue that affects military police, when on or off duty, that is, SUICIDE. The issue at hand is about police stationed in a Military Police Battalion in the State of São Paulo, currently with 600 men, serving in 5 Companies. The general OBJECTIVE of the presente work is in the question reised after observing the committal of suicide by São Paulo military police, when the marital relationship ended. The methodology used is in teh interview of the policeman’s relatives, like his wife, as well as for the text about. MELANCHOLY and OBJECT LOST, in Freud’s writings, (1917) – vol. XII, Cia das Letras. After completing the research, the result obtained is the processo f rejection, aggressiveness,

abandonment neuroses, and easy access to the executor object. Thus, as a treatment, MANAGEMENT is advised, for the elaboration and re-signification, as a practical contribution to the question researched.

Keywords: suicide by Police.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 Descrição da Situação Problemática

1.2 Hipótese Diagnóstica

2. PROBLEMÁTICA / RELATOS

3. PESQUISAS / DADOS / TRABALHOS DE AUTORES

4. SOLUÇÕES / TRATAMENTOS

5. CONDUÇÃO CLÍNICA / MANEJO

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

1. Da Introdução.

1.1 Descrição da Situação Problemática

Pois bem. O ser humano é uma composição simples, por ser individuada entre uma individuação enquanto ser vivente, pois, carrega consigo além de sua natureza, características próprias, o transformando em um ser capaz, eficiente, diferente e uno, mas frágil ao mesmo tempo, por pertencer a uma estruturação complexa quando o assunto é a sua Psique. Enquanto ser, poderá integrar-se com o meio sem deixar de ser o que é, enquanto matéria em busca do saber viver. Poderá se conectar com tudo e com todos sem deixar suas partes por onde esteve ou com quem estivera. Saber lidar consigo mesmo e lutar contra suas próprias razões, em muitas das vezes é o que mais lhe corrói enquanto espécie em desenvolvimento. Pode esse ser com muitas coisas e fatores, mas nada pode quando o assunto é a sua própria mente. Aqui está o Id com seus impulsos instintivos, uma fonte para a energia mental

direcionada ao aparelho psíquico, em curto dizer, é o originário. Por ele e dele, apresentam-se as expressões psíquicas das pulsões, ditas, os inconscientes com seus conteúdos recalçados, sejam inatos ou mesmo adquiridos no decorrer existencial humano. Compartilhadamente está outra parte sua, o Ego, uma parte sua em contato com o mundo externo. Quando se fala da vida psíquica, se desenvolve gradualmente, com representação de um grupo funções sensorial e motora. Muitos fatores são responsáveis para a evolução do Ego, se organizando de maneira coerente para o desenvolvimento e funcionamento das funções mentais humana. Em si, é o amadurecimento do sistema nervoso, enquanto desenvolvimento do ser humano nessa formação complexa do corpo psíquico, importando em sua linguagem e facilitação do pensamento. Adiante se enxerga a existência do Superego, uma parte inconsciente da Psiquê. Está para a crítica ao Ego, quando se manifesta a aceitação dos impulsos instintivos do Id, produzindo a angústia e ansiedade, além das internalizações dos padrões da sociedade e dos pais, se relacionando com recompensas, como exemplo o orgulho, autoestima, ou punições, em si a culpa e inferioridade. Entre tantas questões na trajetória de vida e convivência, como do nascimento, infância, adolescência, e vida adulta, saber confrontar seus medos, diferenças, se tornam um dos maiores desafios humanos em termos psíquicos, podendo dessa forma, inquestionavelmente, as fases Psicosexuais do Desenvolvimento, qual seja, a Oral, Anal, Fálica ou Genital, nos orientar onde poderá o indivíduo ter se fixado, e com passar do tempo carregar-se de tantos conteúdos, os recalques Reprimidos, o nascimento da angústia de separação quando de seus vínculos primitivos, podendo estar na perda do olhar materno em si, trazendo-lhe sentimento de grande solidão, um medo emergente da angustiante separação do outro, emergindo a sensação real de abandono, e agressividade em seus termos. Nesse percurso o sujeito poderá se esbarrar em uma circunstância há muito observada no intrigante e entroncado SUICÍDIO. O emblemático tema, nessa ocasião, suscitou o suicídio praticado por Policiais Militares, especificamente, de um Batalhão do Interior do Estado de São Paulo, precisamente em suas cinco Companhias. Para o cometimento do suicídio, fizeram uso do próprio armamento de fogo, (pistola .40 em sua maioria, ou calibre 9 milímetros). O fato originário, em todos os casos envolviam término de um relacionamento amoroso, uma convivência conjugal, por casamento ou União Estável, e com filhos menores, pré-adolescentes,

ou ainda criança, mas todos na condição de filhos. Por serem semelhantes e na mesma região, a problemática suscita indagações e que são possíveis de boas respostas no campo Psicanalítico, sob a Análise Psicanalítica. Dessa maneira a pesquisa envolveu a entrevista das pessoas envolvidas na qualidade de esposa, quando não morta pelo suicida, aos filhos, sogra e tia, principalmente no local dos fatos. As indagações nas entrevistas versaram, se o policial era uma pessoa calada ou comunicativa, como era o relacionamento e convívio dele com os filhos, se era possessivo na qualidade de esposo, ou se praticava algum tipo de esporte.

1.2 Hipótese Diagnóstica

O acontecimento suicídio por Policiais Militares Paulista, precisamente no Batalhão do Interior, tem ocorrido nos mesmos moldes, quanto à sua execução, ou seja, no momento da discussão do casal, quando da separação conjugal. Observando o fator, faz-se necessário uma breve observação aos Mecanismos de Defesa, por se fazerem presentes nessa Hipótese Diagnóstica, com sua relevância ao caso em pauta. Doravante, bom falarmos de uma pioneira da psicanálise com crianças, Anna Freud, uma vez haver se dedicado sob uma forma de atenção especial, ao tratamento de crianças, porém seguindo um rumo pedagógico, visto reeducar os pequenos para que assim se readaptassem à realidade, nisso convivendo melhor com pais e irmãos. Assim sendo, para o estudo, subdividiu em mecanismos de: Mais PRIMITIVOS, (manifestos nas psicoses), depois, Mecanismos NEURÓTICOS, depois, MECANISMOS ou DEFESAS MADURAS. Em curto dizer, os PRIMITIVOS, representam a dissociação, identificação projetiva, introjeção e negação. No que se refere aos NEURÓTICOS, temos a repressão, deslocamento, formação reativa isolamento, anulação, somatização e conversão. E por derradeiro as MADURAS, correspondentes à supressão, altruísmo e sublimação. Em Sua fala, afirmou que “a autorepressão é o principal mecanismo de defesa humano, e não se trata de algo inato, mas de um processo inconsciente que crianças muito pequenas desenvolvem ao aprender que certos impulsos podem ser perigosos para ela”, deixando-nos esclarecidos a evolução e força do inconsciente para Nos defender dos percalços colhidos no decurso do nascer, crescer e envelhecer, trazidos pelos impulsos, representando grandes desafios, perigos e medos. Na mesma direção faz-se

suscitar o Mecanismo de Defesa DESLOCAMENTO. A Psicanalista Infantil e Pedagoga, Anna Freud, mesmo não tendo gerado seus próprios filhos, fez tê-lo sob adoção, subjetivamente falando, ao assumir quatro filhos de Dorothy Burlingham, uma vez apresentarem distúrbios psíquicos, podendo dessa forma abraça-los e ajuda-los. Ao escrever o livro “o ego e os mecanismos de defesa”, enalteceu as funções do Ego. Quando informou, tratou a respeito dos Mecanismos de Defesa do Ego, que define como sendo meios que o inconsciente usa para mascarar a realidade, fazendo abrandar uma dor. Dessa maneira a pessoa consegue lidar com seus conflitos mentais inconscientes, que o proporciona simplesmente a angústia, provocada pelos sentimentos ou pensamentos da pessoa, fazendo dessa maneira a proteção do Ego. No caso em questão, o indivíduo vem a sofrer hostilidade em seu campo de relacionamento social, não podendo devolver a questão ao agressor, vindo a deslocar esse sentimento ameaçador, à outra pessoa ou até mesmo a um objeto. Estamos diante de um mecanismo psicológico de defesa, fazendo o sujeito substituir a finalidade inicial de uma pulsão, por outro socialmente aceita. Outra saída como mecanismo, está a projeção, quer dizer, uma forma de colocar sentimentos internos no mundo externo, ou seja, atribuir a uma pessoa, ou mesmo animal ou objeto, as qualidades, ou, sentimentos, ou intenções originadas em si mesmo, por exemplo, apontar alguém como desonesto, enquanto essa falha diz respeito àquele que fala, acusa. Nesse passo virá o sofrimento, composto pela Repressão, um mecanismo inconsciente que faz esquecer-se dos acontecimentos, momentos traumáticos acompanhados pela grande angústia. Em sua companhia, está por muitas das vezes o isolamento, fazendo separar as partes da situação provocadora da ansiedade da Psiquê. Em muitas das vezes o mecanismo fuga aparece para o não enfrentamento da situação vivida. Visto isso, podemos observar alguns pontos em referência aos casos apresentados, sob o prisma psicanalítico quando se baseia no resultado de cada caso com suas reais consequências, quando se suscita as estruturas, possíveis traumas e mecanismos de defesa. Vê-se presente na conduta dos suicidas, Mecanismos Neuróticos, como o Deslocamento, mais, Trauma Angústia de Separação, “abandono e desamparo”, (por não ser reconhecido em seus vínculos Primitivos), Agressividade, e Depressão.

2. PROBLEMÁTICA / RELATOS

Seguindo o ritmo cotidiano, em um dia de semana, ainda na parte da manhã, estando Nós de serviço, pude perceber a Central de Atendimento de Ocorrências Policiais, solicitar à determinada guarnição policial, o atendimento de uma ocorrência envolvendo Policial Militar, na posse de arma, sob Ideação Suicida, em um condomínio. A solicitação estava sendo feita pela Esposa do Policial, que estaria na área social do condomínio, anunciando que iria cometer suicídio. Ouvindo a comunicação também Me desloquei para o local dos fatos. Durante o percurso a Esposa continuou na ligação telefônica, onde ouviu-se o disparo de arma de fogo feita pelo Policial, contra a própria cabeça, na região palatal, (céu da boca). Ali estando, constatou-se que o Policial, estaria em processo de separação há cerca de dois meses, entre ida e vindas. Argumentou a Esposa, que a motivação era traição conjugal, pela quinta vez. Naquele dia o Policial dormiu fora de casa e retornou na casa de ambos, um apartamento, perguntando-lhe se a separação iria ocorrer entre eles. Ela disse que sim, porém Ele disse que não iria ocorrer. Nisso Lhe pediu para sair do quarto com o filho e sentou-se na cama. Ela Lhe pediu, “não faça isso aqui em nossa casa, junto ao Nosso filho”. Quando descia as escadas escutou o disparo. Tinha cerca de trinta anos, praticava Arte Marcial, tomava suplementos, era apegado ao filho, se declarava apaixonado pela Esposa. Usou uma Pistola como ferramenta de execução suicida. Era pessoa de poucas palavras no ambiente de trabalho, mas rígido em suas colocações e disciplinar junto à hierarquia, e com ausência do pai. Outro caso, envolveu um Policial que em processo do término de namoro, não superava a separação em si, visto não se ver longe da companheira, se vendo abandonado. Assim, após a negativa da Namorada, veio até o portão de saída da residência, se pôs sentado na calçada, e mesmo Lhe sendo pedido para não se matar, fez um disparo na região palatal (céu da boca), morrendo de imediato. Sua idade era de trinta e poucos anos, pessoa de natureza rígida, disciplinar, e com ausência de pais na criação. Outrora, um policial preste a se aposentar, cerca quarenta e oito anos, fumante compulsivo, de poucas palavras, durante um dia da semana, fez se banhar, cortar barba, e vestir uniforme de Educação Física, fez sentar-se em uma praça pública perto de sua casa, e em seguida executou um tiro na região palatal, (céu da boca), morrendo imediatamente. Se mostrava em estado depressivo, diante o fato da Filha haver se engravidado de uma pessoa de má índole, (em seu critério), portanto não concordando sua união com tal pessoa, nem mesmo com a gestação e possível

nascimento da criança. Há poucos dias dessa pesquisa, um policial em término de relacionamento de União Estável, com idade de trinta e seis anos, juntos há 12 anos, possuindo um casal de filhos. Mantinha convivência com a então Esposa desde os dezenove anos de idade. O Policial pratica Artes Marciais, estando no terceiro Dan de faixa preta, sendo de poucas palavras, sempre se isolando dos companheiros de trabalho, se apresentava dependente do filho de dez anos, (presença e companhia), quando contrariado aumentava o tom de voz de forma agressiva, também foi criado sem a presença paterna. Estavam em processo de separação há cerca de um ano. Havia não conformação da separação conjugal por parte do Policial, enfatizando a volta da vivência. Em um dia de semana, logo pela manhã, cerca de oito, nove horas, esteve o Policial na casa que era do casal, originando discussão e possíveis ameaça por parte Dele, sendo medidas cautelares tomadas pela Corporação Militar. Cerca de vinte e duas horas o Policial manteve contato pessoal com a ex Esposa, onde Ela não quis recebê-lo, trancando o portão. Nisso fez disparar um tiro no portão, adentrando a casa e efetuando dezesseis disparos de arma de fogo contra Ela, isso na presença dos filhos e parentes da Ex Esposa. No mesmo momento efetuou um disparo contra a própria cabeça na região palatal, (céu da boca). Ambos foram socorridos, mas entrando em óbito em seguida. Arma usada foi uma pistola 9 milímetros. Diante esse problemática, pode-se suscitar questões relevantes sob uma conversa Psicanalítica a respeito, para chegarmos no tratamento adequado, manejo e considerações finais com o objeto alcançado. Aqui estão os acontecimentos com suas circunstâncias e final resultado. Então, um pensar nos surge diante uma dor subjetiva que toma todos esses, por um ato de desespero pela perda do objeto, pela angústia do abandono e grande desamparo, os levando ao extremo no mundo ilusório da vingança desarrazoada. Falar, pesquisar sobre o sentimento, a DOR em si mesma, pode-nos custar apenas palavras, leitura, ou, mesmo tempo, mas senti-la poderá nos custar grandes desafios. É fato que somos peregrinos em nós mesmos, pela razão de haver áreas em nossas vidas que não conhecemos, ou reações ainda não compreendidas. Para nosso alívio, podemos acessar o inconsciente e sentir o consciente, para que possamos sobrevoar em si, os contidos nos impulsos, como por exemplo do sexo e agressividade. Bem nos ensina Freud (1890), que nossa história é construída na infância, onde devemos nos reconciliar com ela para que possamos sermos livres. Dessa maneira, encararmos nossa própria história, sem temor, por mais dura que

seja, com suas desventuras marcantes, não fugindo dela, não fugindo desse mistério que nos formou, e não nos dá uma resposta pronta. Por isso a Psicanálise, como área do conhecimento independente, poderá dar conta, alternativamente, do sofrimento psíquico, entendendo o funcionamento mental como um todo. Per si, entender a Psicanálise é trazer outras áreas do conhecimento para suas contextualizações, porém Ela possui seu próprio princípio organizador. Lembrando da dor, deve-se observar o INCONSCIENTE diante a Psicanálise, visto significar o sistema do aparelho psíquico que revela os conteúdos escondidos da consciência. Aqui estão as resistências, a repressão em torno desse processo psíquico, encobrendo algo insuportável, por ser muito doloroso, e, em si, originando o sintoma. O sofrimento suscita a dor, seja no corpo ou mente dos seres mais fortes, basta que haja uma pequena disfunção na capacidade de compreender a si mesmo. O transtorno psíquico denominado como SUICÍDIO, é a representação dos impulsos reprimidos e inconscientes, oprimindo um ser que busca uma saída, impulsionado pela pulsão de vida e de morte. Daí a multiplicidade de outras questões chamadas doenças, infligem o ser desse ser humano, o levando à ideação suicida. Por vezes, esse ser é levado aos impulsos obsessivos de autodestruição, pelo medo de perda de algo ou alguém ao se preocupar ou ama. Tal questão, o impulso ao suicídio, pode ser apontada no trabalho de Freud, em uma análise de caso, publicação de 1909, em “Homem dos Ratos”, onde versava a neurose obsessiva, ou mesmo na obra “Além do Princípio do Prazer”, com a desilusão, o desamor da pessoa consigo mesma. Assim, o desinteresse pelo mundo exterior, sua capacidade plena de amar, poderá Lhe desencadear um fator chamado MELANCOLIA. A abordagem da melancolia, em uma sociedade Industrial, Moderna, Pós Moderna, ou Hipermoderna, ou Contemporânea, é coisa somente para a Psicanálise na pessoa de Seus Psicanalistas Analistas, uma vez procurar tratar aquele que sofre por suas angústias, opressões e depressão, com sua dor aparentemente desmotivada, mas devassadora, como uma afiada navalha que lhe corta a pele, a carne e transpassa o raciocínio, pensamentos, percepções, o consciente, vazando a censura, chegando no Pré-Consciente, em suas lembranças, emergindo os medos, recalques, e ferindo o próprio Inconsciente. São aqueles que apalpm a estrutura da Psique, para o alívio do outro, a exemplo do histérico, por padecer de recordações dolorosas e desprazerosas, puramente traumáticas. A luta com tantas lembranças inconscientes represadas, portanto negativas, o emocional

ficará represado, causando mais uma vez sofrimento imensurável e insuportável. O cenário são dos mais variáveis, porém cada um deles encontramos o pesar, o desânimo, ou a tristeza desoladora. O corpo e a ação traduzem o sentimento do melancólico, como aquele que se apresenta com as mãos para baixo, largadas, demonstrando a desistência e desesperança, vindo uma condição psicológica como se fosse a sombra objeto recaindo sobre o Eu, se tornando sua penumbra. Vindo a palavra do grego, onde “melaine”, significando “negro”, enquanto “cole”, significa bile, - gemido interno -, hoje, designa digestão, mas quer dizer o fluído negro dos seres. Por isso, a existência de melancolia, o excesso de bile-negra, ou seja, a tristeza nascido no ser humano, um ser gravemente deprimido. Desse acontecimento vê-se necessário, o nivelar do humor, com o equilíbrio, ou, reequilíbrio para ser mais alegre. Outrora, poucas vezes Freud usa o termo depressão, mas na atualidade a Psiquiatria, se ocupa com a questão, definindo-o no DSM-V, Transtorno Depressivo Maior –TDM, em curta palavra, tem-se o significado de humor triste e vazio, ou irritável, onde o cotidiano do indivíduo é mudado, em torno de sua capacidade de funcionar enquanto ser capaz. Per si, o corpo, o sentimento, pensamento e habilidades dessa pessoa, são acometidos de maneira agressiva, pelo resultado insônia, culpa excessiva, perda ou ganho de peso, humor deprimido, frieza, se sente sem força para prosseguir, e por fim, pensamentos recorrentes de morte. Nesses termos emerge-se a existência da melancolia, tendo o pesar, como seu elemento central. Nessa feita, deseja esse ser, recuperar algo, tão somente. Muitos pensadores abordaram a circunstância com grande propriedade, mas com poucas respostas, a exemplo de Freud, como já mencionado, uma vez descrever a melancolia, como um desânimo, onde não o sujeito não tem desejos, sim uma letargia, sendo tomado por vez pela ansiedade notável, ou delírio, sem apego em nada. Esclarece a falta de força para viver, sua autopreservação, um desejo de prosperar, chegando nesses termos à ideação suicida. Em si, melancolia é condição enferma, como descrito nos termos DSM-V, como TDM. Freud tenta sua explicação com base na neurologia, o funcionamento da mente em si, vindo certo fracasso. Adiante temos James Strachey, tradutor de Freud, tentando sua explicação, (melancolia), e essa interligação com a depressão, tratando como uma patologia. Algumas verdades estiveram em insights, fundamentalmente, a respeito da melancolia ou mesmo depressão, chegando-se no luto, com essa somatória, uma semelhança, uma analogia entre ambos. No luto há uma perda, onde

o indivíduo reage de forma consciente, como perder alguém. Na melancolia, inclui-se uma perda, é uma neurose (Freud), ele perde algo, mas não está claro, evidente e perceptível até então. Em Freud, o termo é "Trauer", descrevendo como um sentimento, afeto, uma emoção. Terminativamente o sentido de pesar. Momento após a perda, virá o luto com seu conjunto de reações, a melancolia em si. Aqui o sujeito experimenta tais emoções ao perder algo importante em sua vida, objeto valioso. Quando se estuda o pesar, (trauer), tem-se o estudo da alma, o sentimento sobre ela quando se perde, uma tentativa de dar sentido ao contexto do luto. Quando se fala do pesar, vem a tristeza, que é seu efeito tão somente. Em Freud, estamos diante da perda pulsional, a excitação sexual, a libido, sua primeira teoria na melancolia. Está aqui a forma de anestesia, pois acabou a libido. Assim, é luto por perder a libido, uma reação patológica da perda. Na segunda teoria, sobre melancolia, afirmou-se, que é o efeito em não causa de outra perda de um objeto, é algo em um objeto, reagindo patologicamente, exemplo quando um sujeito é rejeito em um relacionamento. Mais adiante em (1897), falou de outro insight, vindo o conceito de Ego e Superego. Observou-se os impulsos hostis, como aquele desejo da morte dos pais, uma neurose advinda das ideias obsessivas, ou Paranóia, a desconfiança de perseguição. Essa paranoia é uma projeção, (morte dos pais), por conta de suas autoridades, é o impulso hostil, uma vez crer que estão lhe vigiando. Se morrem ou adoecem, tais impulso aparecem, vindo então a repressão e recalques, sendo tudo conservado e retornado para o próprio sujeito, emergindo nele, a melancolia, o luto em si, é esse retorno dos impulsos hostis. O desejo de morte de seus pais, retornam para o consciente, servindo como autoincriminação, pois era seu desejo, mas agora vem a punição, o castigo. Nessa circunstância, viu-se como causador da morte, vez não poder reconhecer esse ódio, o descarregando em si mesmo. Dessa maneira fará satisfazer seus impulsos com sua autopunição, como sendo a pior pessoa do mundo, tirando sua própria autoestima. É uma culpa punitiva por haver-Lhes desejado a morte (dos pais), por aquele ódio originário descarregado Neles. Se auto acusa, pene-se histericamente, se identificando com seus pais, que merece tudo isso, desejando morrer da mesma forma. Pois bem. Na melancolia, a descarga do ódio versa sobre o próprio sujeito, em si mesmo, o dirige para sua própria pessoa, é uma autoagressividade. O sujeito em sua melancolia, eleva-se ao egoísmo de que o instinto de autopreservação está pautado na satisfação pela morte no suicídio, diante tanta desilusão, desamor per si,

é um ponto de partida, perante essa falta de libido. Nesse momento há um investimento da libido do Ego, em si mesmo, vindo a renegada melancolia, recaindo dessa vez, somente a sombra sobre ele, (Ego). Assim, o afeto correspondente Serge André, onde menciona a depressão como um momento econômico, indo posteriormente para o campo mental, ficando deprimido, tendo um rebaixamento do humor, não reagindo para suas atividades, sendo tomado por um grande desânimo. O pesar pode estar na por exemplo na morte de uma pessoa querida, sendo a origem de sua depressão, porque representa a perda de seu objeto de amor. Nesse passo, o sujeito mesmo vivendo o fato, não o reconhece em sua consciência, a exemplo do término de um relacionamento, ou perda da própria mãe, aqui está o processo natural do luto, começo, meio e o fim. Perdeu algo que estava no vínculo com a mãe. O melancólico não sabe o que perdeu naquele relacionamento, por isso desenvolveu esse vazio, (pag. 251). Nesse contexto havia uma simbiose entre o objeto e o outro, mas se quer saberia a pessoa quem ela é, nessa ordem, do desânimo, falta de energia. Pois é, pouco saberá, pela razão de se tratar de um trabalho interno do próprio Ego, o chamado fechado para balanço, aqui não tem força para investir no próprio mundo interno, pois, o Ego pegou a libido para o serviço interno. Pegou as lembranças do objeto perdido, tentando se recompor perante esse último, que é o luto. Na melancolia não precisa sequer sair, é algo subjetivo, não claro para o sofredor. Todo o gasto de sua libido fica no serviço interno, o seu próprio Ego se torna pobre e vazio, enquanto no luto o mundo fica desprovido de valor, sua realidade é depressiva. Há o esvaziamento de libido, ficando a vida sem graça, como um filho que perde seus pais, o seu mundo e o mundo perdem valor, sentido. O melancólico não enxerga valor em si mesmo, está sem autoestima, ao olha para si, se vê sem qualquer valor, que não deveria existir, aqui está a força para a ideação suicida. Está aqui em condição desprezível, dizendo, agora não valho nada, está desprovido de valor. Nessa proporção o melancólico está adoentado, sob pulsão de morte, também sob autodestruição, porque fala mal de si mesmo, por ter visão depreciativa de si mesmo enquanto ser vivente. Nessa autodestruição, vem a insônia, inapetência, prejudicando sua saúde, vez não merecer viver. Seu comportamento sinaliza que, não viver no mundo é um alívio para os que o cercam. O melancólico não sabe qual objeto perdido, está em condição desestruturada, sem identidade no momento. Nessa fala pode ser identificado o querer morrer, no consciente, enquanto no inconsciente, aparece o gozo

pelo sadismo do Ego, por se identificar com o objeto perdido. Restou para ao melancólico uma depressão grave nessa vida de depreciação. Seguindo assim, tem gozo em se agredir, insultar-se, em curto dizer, se autodestruir, senão isso, nada mais.

3. PESQUISAS / DADOS / TRABALHOS DE AUTORES

O procedimento utilizado para a pesquisa, engloba os dados observados e colhidos “in loco”, durante o próprio serviço policial Militar, quando do apoio em ocorrências de maior gravidade e impacto social e na Instituição Policial Militar, onde pode estar no local dos fatos, conversar com vítimas envolvidas no momento do amparo, observação do campo pericial local, e também ter tido contato e convivência no campo do serviço operacional com alguns dos suicidas. O presente trabalho tem natureza objetiva, uma vez o tema ser conciso, pela razão de envolver uma circunstância vivida no cotidiano do pesquisador. O contexto formador dessa pesquisa está para responder per se, razões desse tema, “Suicídio por Policiais Militares”. Em cada um deles, (dos casos), há peculiaridades Psicanalíticas que podem ser trabalhadas com bons resultados científicos, justificando o tema por si só. Nesse passo, o objetivo do presente trabalho será atingido. Como se percebe, a pesquisa se concretiza por entrevistas, observação do local dos fatos, contato anterior com a própria vítima suicida, alimentando com dados necessários para a contribuição no tratamento adequado das vítimas familiares, e trabalho preventivo com policiais sob ideação suicida. A técnica Psicanalítica, desempenhada por vários Pensadores como o Pai da Psicanálise S. Freud, os Pós Freudianos como Anna Freud, ou mesmo aulas Professores da Sobrap - Sociedade Brasileira de Psicanálise, pertinente as matérias de TCC, Pós Freudianos I, Teoria Psicanalítica I, II e III, Introdução à Psicanálise, Revista Filosofia Ciência & Vida, assim como Aula Confraria nº 110.

4. SOLUÇÕES / TRATAMENTOS

A observação das questões apresentadas em cada Analisando pode emergir questões das mais abrangentes e respostas das mais variadas e intrigantes,

isso quando os traumas vêm à tona. Os traumas e desamparos são as sombras do ser de um ser humano por compartilharem equivalências. Estão desde o nascimento da criança, como a angústia de castração, ou perdas precoces como essa do amor materno, ou de outras pessoas significativas em seu caminho, vindo o estado de desamparo, sentido em seu próprio Ego. São os resultados dos traumas psicológicos vividos na infância. Tendo origem no grego, TRAUMA, significa ferida. São elas experimentadas com as frustrações, onde o Ego sofre certa injúria psíquica, não conseguindo processá-la, se sentindo desamparado. Em muitas das vezes acarretadas pelas falhas da função materna. Per si, os traumas são espelhos da violência contra esse ser enquanto criança, pessoa em desenvolvimento, mesmo que sutilmente, de forma silenciosa, representada por certas invasões e imposições de pais ou cuidadores, segundo seus valores, desejos ou expectativas, contrapondo-se à autonomia dessa criança, se tornando um marco enquanto viverem. Por assim dizer, violência deriva do étimo latino “vis”, significando “força”, mas significando o termo violência, desembocando em agressividade. A perda do olhar materno, (Winnicott), ou fobia ao uso do divã, sentimento de solidão recorrente, intolerância ao silêncio do analista, são o significado da angústia de separação e abandono, servindo como descobertas para um tratamento adequado. Nos casos pautados nesse trabalho, perceberemos a Melancolia presente, Depressão grave, Angústia da Separação, Agressividade, Fixações na Fase Oral, Neurose e Deslocamento. Diagnósticos que podem ser tratados Psicanaliticamente e de forma preventiva, podendo interferir em certos resultados. Os tratamentos englobam terapia analítica em si, individual ou em grupo.

5. CONDUÇÃO CLÍNICA / MANEJO

O fato envolve pessoas com demanda pautada em conteúdos recalçados, reprimidos em questões abrangentes ao Mecanismo de Defesa, como a Projeção, Introjeção, Deslocamento, Agressividade, Isolamento, e principalmente à Melancolia, instalada em fixações da Fase Oral. Dessa maneira trabalhar no Paciente esse medo na perda do Objeto Primitivo. Dessa maneira em certo Insight terá a visão interna, tirar o véu preexistente, enxergando a realidade, de certa maneira buscará o passado para entender o presente. Na Elaboração terá o processo terapêutico em si, pois, ocorrerá

a integração de todos os elementos, a junção de tudo, para se desfazer os nós dos conflitos tidos nas emoções, sentimentos, vividos ou recalçados. O final espera-se a cura, a forma de autoconhecimento, amadurecimento, pois elaborou e compreendeu. Dessa forma poderá ver a situação sem se prejudicar perante ela.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois bem. O tema foi voltado para uma questão que abarca uma circunstância envolvente de uma realidade Policial Militar que se arrasta e perdura entre a tropa pronta, (formada), tanto quanto aquela em processo de formação, (alunos), se tornando uma ferida aberta. A coragem em enxergar essa realidade e vivenciá-la em uma terapia analítica, será de bom resultado para os seres que vestem a farda e carregam consigo o compromisso de bem servir e salvar, ao custo da própria vida. Então, a ideia suicida pode e deve ser tratada na Instituição Policial Militar, para que se possa evitar consequências desastrosas e irreversíveis como tem acontecido nos últimos tempos. Tocar nas feridas, desatar nós, e puxar os novelos do inconsciente tem se tornado mais que necessário diante tantos traumas submersos nas vidas de tantos policiais. Os aspectos principais aqui tratados fazem-nos ver, enxergar, entender e defrontar a problemática em seu mais exato contexto, qual é, o suicídio cometido por policiais militares em processo de separação, apresentando em sua conduta, Transtorno Depressivo Maior, Mecanismos de Defesa encontrado na Introjeção, ou Projeção, Neurose de Abandono, ou ainda Melancolia. Dessa maneira, apontando novas direções para que iniciemos um tratamento eficaz e preventivo, e proporcionando direções para a continuidade nos trabalhos desenvolvidos. Sendo assim, o presente trabalho permite-nos abordar e trabalhar a questão suscitada, ou seja, o suicídio praticado por Policiais Militares Paulistas, e melhorar a saúde mental da tropa em seu contexto geral. Em curto pensar, nesse trabalho podemos alcançar uma saída imediata para a questão deparada na Instituição Policial Militar, que momento atormenta o Psiquê daqueles que sofrem pela tormenta não identificada, mas propulsora de grandes desolações, sendo tomados pela Angústia Neurótica, como bem foi retratado, com as provas em “in loco”, os desejos prevaleceram sobre a realidade, uma espécie de loucura, misturada com o impulso de morte, com o

resultado de perda total do controle de si mesmo. Fator no mínimo evitável, pela razão de ser tratável. Faço no momento elevar Meus pensamentos diante o fato tratado nesse trabalho, e assim discorrer como considerações finais, sob um olhar analítico e de coerência humana. Somente saber ou procurar entender o sentido de certo caminho, pouco Me bastava, vez determinados acontecimentos tão próximos, Me intrigavam com seus resultados fins. Certo dia frente ao Meu Analista, seguimos o caminho de uma conversa de cuidados estreitos a respeito de um assunto tão amplo. Abordamos uma questão de tamanha complexidade diante o conteúdo “dispor de si mesmo”. Falávamos do contexto que apesar de caminhar lado a lado a um fator mantenedor do fôlego humano, em alguns trechos quer sobrepor sobre Ele. Pode haver as pulsões no ser de um ser, emergindo o denominado desejo e por consequência as expectativas, podendo surgir as decepções e consequentes frustrações. Uma fiel amiga dessa última, é a tristeza profunda, onde até onde for as vistas, nunca enxergará a real saída. Pode não saber falar como sobrepor-se à parede levantada, porém é mestra em apontar um fim. Essa escravidão tão profunda e dolorosa, demonstra a inanição do querer ser ou seguir, restando somente a amarga fraqueza. É uma cruel luta para exaurir o querer desejar, ou gerar um sentimento de ânimo, ou de continuar existindo, simplesmente. Dessa maneira fará findar o enfraquecimento do querer ser encontrado na solidão imensurável, para que nasça o querer viver. Aqui não se apresenta apenas a força do levantar-se do leito de dor e fraqueza, mas a vontade querer seguir. Poder-se-á criar fontes de vida no caminho da força, sem olhar para a direita, esquerda ou para trás, mas, para frente e ao longe. Nesse passo, a cada momento fica esclarecido que somente após o sentir-se seguro no modo ser, enquanto ser livre, liberto de muitos contextos, é permitir, ter a permissão de olhar o próprio interior, em sobrevoou às questões conflitantes causadoras dos anseios e angústias desmotivadoras. A maior busca é enxergar a existência de que ser feliz está no ato da simplicidade. Ser feliz é uma unicidade que há por si só, bastando em si mesma, independente que seja rodeada por contratempo da tristeza, ou desesperança. Atrelado a Ela está o contexto de amar, uma vez o amor não possuir oposições, pela razão que pode haver o ódio, porém o amor é amplo e intocável, não havendo algo para lhe fazer nivelamento. Amar não sufoca, vez representar o sentir, deixar o outro o sentir, não somente servi-lo, mas poder deixá-lo se doar com suas próprias razões. Amar o outro como fosse si mesmo, deixa esclarecido o dever em

reaver o amor próprio para também permitir a existência do ódio, pelo motivo de não fazê-lo desaparecer, ao contrário, fortalece Sua existência, senão, sequer o ódio existiria. Essas razões podem levar muitos à tão conhecida insônia por chegar à beira da incerteza. Essa incerteza leva à desmotivação em viver para ser e também querer produzir mais vida a cada instante, em cada olhar. Por algum instante a inquietude quer se passar por quietude, fazendo aquele outro se afastar e se isolar em si mesmo de maneira amarga e dolorosa com quem que fosse uma saída alternativa. Em contrapartida a quietude se vê acompanhada nessa circunstância pela solidão. Inteiro fortalecimento do querer estar em uma conversa meditacional, concentrado na introspecção para enxergar a si mesmo em tempos esparsos da vida, ou seja, estar só, mesmo acompanhado, cercado por várias razões. Para esse ser, solidão não é solidão, é força para seguir. Aqui a persistência em continuar sobressai àquela de parar mesmo diante ao campo horizontal da esperança. Em tudo isso, abrir os olhos à importância em enxergar o distanciamento de si mesmo na desmotivada solidão e tristeza, poderá se tornar tempo hábil para interceptar e desdizer uma noite sem luz. Em uma noite escura do sentimento vazio, passará a caminhar em um rumo incerto, meditando sua existência e por vezes sussurrando seu suposto nome, agora carregado de amargura e desencantos, porém, sem qualquer resposta. Seria como se encontrar sob fortes tempestades de choros e lamentos entranhados a cada pinga que descia do rosto em prantos. Nisso, virão a súplica pelo refúgio de uma alma que sofre e um corpo padecente. Nessa noite escura ficou a triste lembrança passada, feito um raio, de maneira a não permitir a breve estadia da felicidade, deixando somente a esperança em reencontrá-la após deixar a própria existência, dispondo de si mesmo por ato eivado do cruel engano que dissipará terminalmente uma dor sem fim. Esse enfermo de corpo e mente, por certo foi tomado por um forte desespero, fazendo buscar um fator lógico em seu próprio ato, assim quantos outros pensaram e fizeram. Aqui esteve a razão e o fim em busca de uma liberdade suposta. O cenário traduz uma ação provocada, evoluindo para a reação de um ser tomado pela vergonha, ansiedade, tristeza, desilusão, busca de saída, e final ideação, se desdobrando na tão conhecida tentativa súbita de partir. As mudanças são tão repentinas, e tão velozes ao ponto de arremessar qualquer um que seja às paredes de incerteza. Daí poderá advir a insegurança de si mesmo, diante de parâmetros de um mundo que tudo nele cabe. O incabível se torna cabível, podendo vir à tona aos

olhos de muitos, uma inexistência da realidade. Assim, esse ser esquece-se do hoje e vive no amanhã anunciado em um ontem que jamais passará. Tem que ir adiante, mas pouca força lhe sobra diante tantos percalços advindos por esse forte desânimo. Poderá não mais querer executar um passo, porém terá que ir, aliás, temos que ir. Aqui poderá estar o mundo do sensível, mas jamais poderá pegá-lo. O corpo funciona através de seu incantável mecanismo, onde é comandado pelo ilustre cérebro, de forma autônoma. Assim insere-se a mente nessa longa história, com suas lembranças e não lembranças, somando-se o consciente e inconsciente. Adiante estão o desejo, a vontade cabível ou incabível, tornando-se no possível adoecimento do sujeito. Certa vez pode até ter visto, mas não se lembrará, visto haver acabado de passar pelo parto. Consciente para a mesma mãe e, inconsciente para um ser que acaba de enxergar a luz do dia. Nesse sentido virá à memória, construindo a vida de mais um ser vivente. Nisso tudo e nesse todo, surge a questão de como enxergar tudo que acabou de ver. Após crescer pode-se não perceber ocasiões que seu inconsciente sofre por uma dor mortal que sabe-se verdadeiramente sentir, mas não consegue conhecer de onde desponha, como se fosse a primeira fase do luto, onde bom seria a sua aceitação, mas por consequência o que há são as resistências desconhecidas, advindas das reconhecidas psicoses em estado de Defesa. Mas esse mecanismo poderá ser afastado e dissolvido pela presença até mesmo de uma saída pelo tratamento em grupo para a real integração daquele que tanto sofre. Seu inconsciente não percebe o peso da separação inesperada, lhe remessando à regressão como se fosse devolvido ao útero materno. O fruto dessa desolação é uma angústia desmedida, como um buraco negro infinito, sem fundos, mas tratável. Aqui está o fazer o muito que posso para o pouco que houver como saída, passando a valer em si, o tempo empregado. Nisso deixará de lado, aquele outro, o radicalizar, uma vez esse último deixar tudo mais chato, inconveniente e desarrazoado, emergindo-se a tão conhecida intolerância. Porém, a cada dia pode haver a melhora, mesmo havendo o hábito mental ou corporal para sua alimentação. Uma das questões causadoras, está o medo para a origem do enfraquecimento, desencorajando a todos ao seu redor, inserindo a incerteza de não poder dar conta de algo possível, mas não tentado, simplesmente. Aqui está o cerceamento da liberdade para agir em si mesmo. Tudo podemos, mas nem tudo convém submeter-se, a exemplo da cobiça e medo de ser. Vê-se aqui o Ego e Superego, uma vez que, se reprimir não viverá no mundo da realidade cotidiana,

vez surgir o recalque, travando as pernas do ser para seguir. Em si, o desejo para certas coisas, pode haver, mas, desde que não afronte os valores para sua execução. Por assim dizer, sentimentos, sofremos e se quer compreendemos. O Pai da Psicanálise, S. Freud, com o passar do tempo, em sua juventude faz encontrar-se com a Filosofia, sendo alimentado por ela, em seu ser, enquanto ser à busca de si mesmo. Em tudo isso, pode-se afirmar Freud, como inspirador de novos saberes e descobertas para o inconsciente. Em Seu percurso psicanalítico, falou e buscou de si mesmo, entre tantas questões poderiam estar também frustrações, da mesma forma achados nos muitos conceitos básicos e complexos que suscitou pelo caminho científico em sua pesquisa de caráter empírico, lhe proporcionando grandes possibilidades e desenvolvimento quando de sua atividade clínica. Nessa caminhada pode avançar no conhecimento físico-natural, uma vez ser sua aspiração no mundo da ciência, mobilizando os recursos metodológicos para avançar na importante jornada que executou. Até aqui podemos observar a luta de um pensador, pesquisador e grande cientista chamado S. Freud, na luta da identificação de certas circunstâncias que abarcam a mente humana, com suas capacidades de transmitir a dor do próprio ser em um ser humano, enquanto espécie pensante e capaz de expor seus sentimentos, afeições e dores da alma, advindos de ocasiões que os cercam perante os afetos e desafios da vida terrena e cotidiana, ao ponto de conflitarem suas próprias razões quando abarcam suas decisões que resvalam em uma causa que lhe causem o sofrimento psíquico. Esse foi um sobrevoou no tema desenvolvido, perante sua complexidade e presença tão forte no ambiente Militar não só no Batalhão de Polícia do Interior Paulista, mas no País inteiro e no mundo. Nessa subjetividade e realidade, percebemos que o sofrimento humano é sem medida quando o assunto é o pesar, vez acometer a alma, a atravessando com uma dor cortante, mas sem origem aparente, porém causadora de grande desilusão, desafeto e desânimo para seguir sua jornada, ao ponto da única saída ser sua autoagressão, com a visão de autopreservação com o fim da própria vida como recurso de melhor alternativa para o fim de tanta dor e pesar. Diante o assunto emergido, (suicídio), pode-se enfatizar que a perda consciente é um luto vivido em suas fases, mas um objeto perdido que o inconsciente não sabe qual, faz comprovado o sofrimento sem tamanho diante a ausência em seu ser. Por essa ausência o que há é um ser deprimido e recalcado, escravizado pelo Transtorno Depressivo Maior, a então conhecida depressão grave.

Desse ocorrido restou o Melancólico com seu vazio desmotivado, preenchido pelo desânimo e irremediável tristeza.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

FREUD, Anna. O Ego e os Mecanismos de Defesa. Tradução Francisco Settíneri. Edição 1 - Porto Alegre: Artmed, 2006.

FILOSOFIA, Ciência & Vida. Como Eles se controlam? Edição 42 – São Paulo. Escala. 2008.

CONFRARIA, Nápolis. Luto e Melancolia. Aula 110. Parte 01 – Minas Gerais. 2023.